

RUMO

BOLETIM DA ASSOCIAÇÃO ACADÉMICA DE ESPINHO

EDITOR: ARG. JERÓNIMO REIS	REDACTORES: GOULART NOGUEIRA HERNANI BARROSA ANIBAL LACERDA	DIRECTOR <i>Higino Augusto Pires</i>	PROPRIEDADE DA A. A. E. (SECÇÃO CULTURAL)	REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO RUA 11-104 - ESPINHO
--------------------------------------	---	---	---	---

Composto e impresso — TIP. PROGRESSO - ESPINHO

AVULSO 2\$00

ANO II N.º 21 - 31 / Março / 1949

DANTE ALBUQUERQUE escreve:

CARTA BANAL DO MEU AMOR

Tudo que sou para ti impede-me de ser mais para ti. O que te dou e insufla do meu ser proíbe-me que salte os arames farpados. Meus anseios, meus sonhos, minhas ternuras, encerro-os no campo de concentração do dever. Chicoteados pela angústia, acerrados pelos sentidos, aguilhoados pela afeição, eles enlouquecem de dor, de desesperança, de fatalidade, —mas não morrem. Passam fome, e não sucumbem. Moem-se de febre, e não desaparecem. Enrubescem de ódio, e não se libertam. Desgrenhados, nus, famélicos, desvairados, degradantes, angelicais, soturnos, místicos, violentos, desalentados,

cínicos, malditos e humanos, eles arrastam-se, revoltam-se, combatem-se, gemem, choram, uivam, calam, babujam-se, e tecem poemas, e levantam epopeias, e desfiam elegias... e escrevem cartas de amor. Com o Apocalipse dentro de mim, eu, sorrindo ou melancólico, caminho sem te alcançar. Vivo as noites de lírio e de mel para que te vistas de veludo. Vivo as noites de pedra e de crisântemos para que atinjas um Natal. Vivo as noites do condenado à morte, com insónias de asfixia, vivo-as para cuidar nos teus problemas e... para criar-te a Beleza. O meu amor!

Continua na pág. 9

FILOSOFIA

O Homem para conhecer

Por NICOLAU BERDIAEFF

O homem encontra-se no mundo onde foi lançado; este mundo apresenta-se-lhe como um enigma que pede uma solução. A existência do homem depende do mundo; o homem perece no mundo e por ele. O mundo alimenta e destrói o homem. Este meio, no qual é precipitado não se sabe onde, ameaça eternamente o homem e incita-o à luta. E o homem entrega-se à tarefa extraordinariamente ousada de conhecer o mundo e o que se deixa entrever para lá do mundo. O homem é pequeno em comparação com o mundo, com o que ele quer conhecer. É terrivelmente pequeno, quando a gente o considera sob o ponto de vista do objecto. E não há nada mais maravilhoso, mais tocante e mais confrangedor do que estes esforços do espírito humano para abrir uma passagem através da obscuridade até à luz, através do absurdo até à razão, através da escravidão da necessidade até à liberdade. O homem mede as suas forças com o universo e, no acto do conhecimento, quer er-

guer-se acima da mediocridade e do peso do mundo. Não pode conhecer a luz, a razão, a liberdade, senão porque nele próprio se encontram luz, razão, liberdade. E mesmo quando o homem se reconhece como simples creatura do mundo cósmico, e como inteiramente dependente deste meio, ele ergue-se acima de si próprio e desenvolve em si um princípio que ultrapassa tudo o que é dado pelo mundo; revela-se como vindo dum outro mundo e como pertencendo a um outro plano do mundo. O conhecimento seria impossível se o homem fosse apenas natureza e não espírito. O conhecimento é uma luta, não é um reflexo passivo. A filosofia que queria ser conhecimento integral, queria não sòmente conhecer o mundo, mas também mudar o mundo. Em vão Marx dizia que este pensamento era seu; ele está incluído em toda a verdadeira filosofia; a filosofia, não quer sòmente contemplar a razão: ela quer também o seu triunfo. A filosofia não tira o seu partido do

EDITORIAL

PROTESTAR E COOPERAR

Nas colunas do nosso jornal, uma publicação que, cremos, já habituou o público a indesmentível independência e imparcialidade, têm sido tratados e abordados assuntos e problemas vários, focando a vida espinhense através dos seus aspectos social, administrativo, cultural, turístico e associativo. Esse tratamento tem-se submetido sempre aos interesses gerais de Espinho e da Colectividade, dos quais já possuímos noção aproximada, quando não exacta.

E' pois evidente que a realidade desta independência obriga mais a críticas que a louvores, precisamente porque tem havido mais motivos para crítica do que para louvar, circunstância esta de que, como é compreensível, não nos cabem culpas.

Assim, algumas dessas críticas foram levemente apontadas como derrotistas, em afirmação que não colhe, visto que até hoje, descontada uma ou outra imprecisão, fundamentalmente não fomos forçados pelos acontecimentos, a qualquer desmentido formal. Não se conclua, porém, que exultamos com este facto, pois, inversamente, preferimos ser compelidos a estender a mão à palmatória do que continuar com estultícia a defender opiniões erradas. De resto tudo parece indicar que alguns indivíduos, que pelas suas funções se sentiram contidos nas nossas críticas têm vindo a habituar-se a ver nelas não quaisquer ataques individuais, mas sim apreciações na execução de diversos problemas locais. Supomos, por essa razão, não ser prematuro aguardar que a opinião de que imperava o sentido destruidor na nossa crítica tenha sido afinal uma opinião provisória, faltando-nos apenas conhecer qual a opinião definitiva.

A nossa posição, vai eliminando, dia a dia, a hipótese de que a repetição destes argumentos sejam apenas e só palavras, tendo em atenção que os factos provam cabalmente que não só sabemos criticar e *Protestar*, como também louvar e *Cooperar*.

Higino Pires

absurdo dos dados cósmicos: ela quer, ou abrir passagem para um outro mundo, o mundo da razão, ou revelar a sabedoria que leva a luz no mundo e aí melhora a condição humana. E' porque a filosofia mais profunda, mais original, descobre, atrás do fenómeno, o nùmeno, a coisa em si, atrás da necessidade da natureza, a liberdade, atrás do mundo material, o espírito. E, quando a filosofia nega o mundo «outro», o mundo numenal, ela projecta no futuro um mundo melhor; uma ordem mais elevada do

mundo no futuro é como o nùmeno.

A percepção do mundo é, para a maior parte da humanidade, um realismo nativo.⁽¹⁾ Seria inexacto dizer que está nisso uma percepção do mundo da humanidade primitiva que era complicado extraordinariamente pelo processo mitológico, o animismo, o totemismo, a crença na magia. Mas o poder do quotidiano sobre o homem acostuma-o a conceber o mundo segundo as regras dum realismo nativo. Este mundo

Continua na pág. 8

SERAFIM,

CRÍTICO LITERÁRIO

O que caracteriza a estranha personalidade do meu amigo Serafim é a malabilidade do seu carácter. Tal virtude — que os seus inimigos classificam de outro modo — manifestou-se com a filiação do meu amigo Serafim no Partido Oportunista Histórico — onde lhe reconheceram tais qualidades que, em breve tempo, ascendeu a Vice-Presidente. Noto isto apenas para que fique registado que Serafim possuía além da sua notável inteligência — inteligência lúcida, afirmou o Dr. Baleote, director do Raio — um notável poder de adaptação ao meio — mais maravilhoso do que o do próprio Camaleão (Magnes Camelidires, Lineu).

Mas uma faceta quase ignorada de Serafim — ignorada injustamente — é a literária. Serafim possuía «aquela cultura geral que diferencia o cretino do amorfo, o símbolo da vírgula, o zero do negativo» (Troften). Um senso crítico, um poder de penetração acerbo, uma introspecção nítida, uma análise fluída — e não fria, como vulgarmente se diz! — permitiram-lhe criar a notável (e não menos prodigiosa) secção literária do Pirolito: *A MONTRA LITERÁRIA*. Para quem não conhece o Pirolito vamos descreve-lo em uma só penada: quatro folhas de papel «Vulgus», preenchido com os brilhantes (e tão discutidos!) artigos de Serafim Barrote, seu director, redactor, proprietário e editor e, possivelmente, seu único leitor.

Com que brilhantismo, ineditismo e oportunismo, Serafim abria o Pirolito: Um artigo cinzelado, burilado, berrante de personalidade, como aquela a que deu o título de

Emprego, uso e utilidade do alho descascado, na cura e profilaxia da sarna.

Artigo tão brilhante, tão sereno, tão perfeito na forma, que se tornou texto obrigatório na Faculdade de Letras.

Serafim não era um analfabeto. Ele mesmo o disse: Eu não sou um analfabeto: sou um semi-analfabeto. Era verdade: Serafim, do abecedário só conhece as letras maiúsculas. Se este meu amigo Serafim conhecesse o abecedário todo, aí dum Bernardes, dum Vieira, dum Raul Brandão. Mesmo semi-analfabeto produz essa jóia, essa flor delicada, que é o *Pirolito*.

O Pirolito orgulha-se em possuir um correspondente com missão especial — a Aninhas. A Aninhas é uma mulher de ideias desempoeiradas e de reportagens incríveis. Chove no Japão? Lá está a Aninhas com o seu pluviómetro milimétrico. Há um terremoto na Líbia? Lá está a Aninhas com o seu sismógrafo portátil. A Aninhas está em toda a parte em que há um acontecimento importante.

E foi assim que Serafim conseguiu, por artes de berliques e berloques, o papiro que Ramsés escreveu a Orus, sobre a «Etnvgand». A publicação no Pirolito de tal papiro provocou grande celeuma nos meios intelectuais. No Kus-Kuspapier, escrevia o Dr. Zweigfel: Unt vur nacht papirin Pirolito master Serafim chu-chu kan mer dir vas tuskas lá, — com o que concordamos em absoluto.

No entanto o Dr. Carlos Xilas Trilus, afirmava no Correio de Lisboa: Como conseguiu Serafim o Papiro? Mistério. E' ou não verdade que o Papyrus era pertença do sábio Fiat Lux? E'. A quem devia ser dado o exclusivo de publicação? Ao Pirolito ou a um jornal que pela sua índole literária, pelo seu aspecto gráfico, pela sua estrutura, pudesse dar honra ao Papiro que se publicou?

Não; não protestaremos. Limitamo-nos a lamentar que o sábio Fiat Lux, num momento precipitado, tenha entregue ao Pirolito tão valioso documento, quando de outro modo estava comprometido moralmente (ou por justiça crítica) com outro jornal.

Este ataque enfureceu o meu amigo Serafim.

— Meu amigo, afirmou-me, sou um incompreendido — e arrancou um cabelo pedido emprestado a um amigo.

— Ninguém me respeita os cabelos brancos que não tenho e arrancou outro cabelo ao amigo.

— Todos me atacam, desde o guarda nocturno da minha rua até ao engraxador do Café Tomé.

* * *

Serafim tem razão. Se o Pirolito possui apenas anúncios, de quem é a culpa? De Serafim editor, redactor, proprietário e director? Não, meus amigos, a culpa é de Serafim leitor. Serafim leitor que é semi-analfabeto e que só lê os títulos dos artigos, sem se interessar com o conteúdo.

Sim, de Serafim leitor do Pirolito, jornal regionalista e oportunista histórico.

A SEGUIR:

Serafim, oportunista histórico

Corvos sobre Laranjeira

O semanário «Defesa de Espinho», subordinado à superior orientação do Sr. Benjamim da Costa Dias, continua a vitimar-se por sua própria culpa. É penal gostaríamos até de colaborar nos seus propósitos, quando fixa os seus escritos em função do título do seu jornal. Era mais agradável, mais produtivo e, sobretudo, mais simpático a nós próprios e aos olhos de toda a Família Espinhense. Mas o Sr. Benjamim da Costa Dias, por força não sabemos de que destinos, tem usado de sistemas que os colocam geralmente em antítese conosco. Uma vez mais somos compelidos a trazer a lume nova prova do que se afirma.

Desta feita, trata-se de Laranjeira e da Académica.

Pois a Associação Académica de Espinho, adentro dos seus planos de difusão da Cultura e revisão de valores, resolveu enviar todos os esforços para tornar conhecida fora de Espinho a obra excepcional do espinhense Manuel Laranjeira e resolveu homenagear a memória do escritor. Assim, a Académica anunciou, por escrito e pelas palavras correntes em todo o Espinho, a sua intenção de fazer:

— Uma romagem ao túmulo do Dramaturgo;

— A representação de uma peça de Laranjeira;

— Uma Conferência acerca do artista e um Recital de Poesias suas;

— A publicação dum número especial do *Rumo* com a colaboração de grandes escritores portugueses;

— Homenagens e meios de propagação possíveis, honrando Laranjeira.

Ora bem. O Sr. Benjamim da Costa Dias sabe perfeitamente que, há 36 anos todos os anos passa um aniversário da morte de Laranjeira. Reconhecida esta verdade de Mr. de la Palisse, a que propósito só agora o Sr. Benjamim da Costa Dias vem publicar cartas inéditas de Laranjeira e artigos e comentários insonso ou incompetentes?

Laranjeira está quase desconhecido em Portugal. A Associação Académica de Espinho aproveitou as Bodas de Ouro da fundação do Concelho, para, louvando os espinhenses que fôram gente de valor, também portando, louvar e divulgar Laranjeira. Ela pretende editar as Obras Completas do escritor, ela dedicou-se à tarefa de recolher todos os inéditos que alcançasse para publicá-los (parte no número especial de *Rumo*, parte em volume). Que a Académica chamava a si todo o encargo que se relacionasse com a propagação de Laranjeira, sabia-o perfeitamente o Sr. Benjamim da Costa Dias. Que só a Académica se lembrara de fazer isto, perfeitamente o sabia o Sr. Benjamim da Costa Dias. Que, em Espinho só a Académica estava em condições de prestar real, completo e conjugado serviço à memória de Laranjeira, ainda o Sr. Benjamim da Costa Dias chegava a entender. Que, por consequência (visto a iniciativa partir da Académica e ela se propor realizar todas as linhas da obra) só a Académica pertenciam os elementos de trabalho que só uma personalidade poderia empregar (estão neste caso os inéditos) — isto é que eu já tenho as minhas dúvidas se a percepção do Sr. Ben-

jamim da Costa Dias atingiu. Se não atingiu, lamento: lamento o Sr. Benjamim da Costa Dias, as fôlhas onde ele estende a prosa dúbria (tristes e inocentes fôlhas!) e os espinhenses leitores do chamado jornal «Defesa de Espinho». Agora se o Sr. Benjamim da Costa Dias atingiu a importância da nossa lida e dos direitos e deveres que à Académica assistiam, ah! então cometeu uma acção pouco bonita e prejudicou não a Académica apenas mas também a glória de Laranjeira.

Pois o grande jornalista Sr. Benjamim da Costa Dias, estimando a obra que andávamos tecendo em prol de Laranjeira, se, por acaso, achasse ou possuísse elementos únicos (os inéditos só são inéditos enquanto os não publicam — não é verdade Sr. Benjamim da Costa Dias a quem somos condenados a ensinar verdades de la Palisse?), se, por acaso, os achasse, devia fornecê-los à Académica para serem integrados no conjunto que será lançado à frente intelectual portuguesa, conjunto onde se realçarão e fortalecerão os outros elementos. Excepcionalmente, poderia acontecer outra coisa justificável e louvável: o Sr. Benjamim da Costa Dias disporia de um grande jornal e, além de ser o que por aí se chama um jornalista, seria um conhecedor crítico e um escritor culto; o Sr. Benjamim da Costa Dias publicaria inéditos de Laranjeira em seu jornal e comentá-los-ia com a sua penetração, os seus conhecimentos e a sua intuição de artista; o Sr. Benjamim da Costa Dias teria auxiliado a iniciativa da Académica, concorrendo para a divulgação e o interesse da obra Laranjeiriana. Mas, num apagado jornal de província que apagado permanecerá, numas fôlhas sem ressonância, com uns comentários ignorantes, acriticos, errados e maquinais, ah! isso não!, seria o próprio Laranjeira a revoltar-se, caso fôsse vivo! Laranjeira era duro, violento, apaixonado, amava as intenções alevantadas; e a Arte amava-a também: a incompetência do atrevido, o arranjismo e o espírito burguês, chitoteava-os!

Laranjeira detestava a tacahez de espírito, a intenção malévola, o olhinho judeu, o oportunismo de Talleyrand de trazer por casa. E como classificaria ele a acção do Sr. Benjamim da Costa Dias, grande jornalista dum jornal em moldes antiquados? Se a Académica não prezasse acima de tudo, neste

Continua na pág. 4

PELO

DESPORTO

ENTRADA EM CAMPO

TIRO AO ALVO

Uma das modalidades em que os espinhenses de outras eras mais se notabilizaram foi sem dúvida, no Tiro de guerra, entusiasticamente praticado na Carreira de Espinho.

Não esqueceram ainda aquelas manhãs maravilhosas em que, na mais pura camaradagem desportiva, se juntavam na referida carreira tantos elementos de boa-vontade, treinando com afinco, convivendo da maneira mais amigável, dentro daquele lema que o saudoso Ricardo Cruz — um exemplo que os rapazes de hoje mal conhecem — impôs conjuntamente com outras máximas desportivas: — «Em desporto não há inimigos: há só camaradas»!

As nossas palavras de hoje poderão assemelhar-se ao toque de reunir. Estaremos todos presentes para reviver outros tempos de melhor pureza desportiva que a de hoje. E, juntos, com o desempoeirado espírito de outrora, com a mesma fé, o mesmo entusiasmo, a mesma presença, numa palavra, poderemos retomar o caminho interrompido contra a nossa vontade, e vincar de novo o valor desportivo de Espinho nesta tão educativa modalidade.

Oxalá este nosso sentido apêlo chegue junto de todos aqueles que, como nós, em tempos saudosamente recordados, souberam criar uma formação desportiva de tal natureza — sem vaidade o dizemos — impôndo-se a todos os que, como os nossos leais adversários de então, comnôco contactavam frequentemente!

FUTEBOL

Em jogo amigável, o Sporting de Espinho enfrentou o Oliveirense, no Campo da Avenida.

O encontro teve poucas características amigáveis, parecendo, mais, um autêntico prélio de campeonato. Na verdade, ambos os grupos puzeram desnecessária rudeza, e até violência, em muitas jogadas, como que relembrando coisas antigas que deveriam estar definitivamente mortas...

Perante um adversário de reconhecida categoria, como é a Oliveirense, os rapazes de Espinho ofereceram réplica condigna e souberam reagir à desvantagem de 2 pontos, numa altura, portanto, em que o vencedor parecia naturalmente encontrado.

O resultado final foi um empate a 3 bolas.

A arbitragem foi bastante frouxa.

A melhor coisa do encontro foi um dos pontos de Espinho, por Olimpio Reis, e, quicá, o melhor da carreira já longa deste voluntarioso jogador vareiro.

Em disputa da taça «Dr. Alberto Sá de Oliveira», instituída pelo União de Coimbra, o Sporting de Espinho jogou em Coimbra, com o club organizador, e venceu por duas bolas a uma.

O «Espinho» realizou uma partida agradável e animosa, merecendo a vitória.

A arbitragem, do Sr. António Passos, do C. A. do Porto, agradeceu.

Para a mesma taça, o Sporting de Espinho realizou já mais 3 encontros: no primeiro, no Campo da Avenida, venceu naturalmente a «reserva» da A. Académica de Coimbra. No segundo, também em casa, derrotou o Vianense. No terceiro, contra o Leixões, no campo deste, o Sporting foi batido tendo feito fraca exibição.

Está, pois, excelentemente colocado o grupo local para sair vencedor do trofeu em disputa. Oxalá assim seja, de modo a permitir que o grupo ganhe a confiança que lhe falta e possa, no próximo campeonato regional, obter o lugar que de justiça lhe compete.

POULE FINAL DE JUNIORS

Após a vitória do grupo Sanjoanense sobre os espinhenses, por 7-1, estes não desmoralizaram e venceram, nos dois domingos seguintes, em casa, a Oliveirense por 2-1 e o Beira-Mar por 3-0.

Não fora a falta dum guarda-redes capaz e o Espinho poderia estar destacado, na frente da classificação. Mas ainda é tempo!

OQUEI EM PATINS

Para a Taça de Honra, no Palácio de Cristal, a Académica empatou com o Carvalhos, depois de um jogo em que os nossos tinham obrigação de fazer melhor... e de ser mais calmos.

Passam-se coisas esquisitas na mais representativa secção da Académica. Faz-se sentir, cada vez mais, a indisciplina. A Direcção da colectividade compete pôr as coisas no seu devido lugar, impondo a esta secção os mesmos deveres que têm todas as outras...

Isto exigem todos aqueles que têm verdadeiro amor pela Académica e que não podem tolerar que dentro da mesma colectividade haja um Deus para uns e o Diabo para outros. Dêa a quem doer!

Ainda para a Taça de Honra, a Académica venceu folgadoamente o Vigorosa.

Está a fazer-se uma intensiva preparação dos jogadores seleccionados do grupo representativo do Porto. A Académica tem fornecido sempre, nos treinos desta época, 3 jogadores: Rezende, João e Abel.

Segundo informações de boa fonte a selecção está feita. Teremos Gomes da Costa, do Infante de Sagres, nas redes. Correia de Brito, do Académico, a defesa. A médio, o indiscutível Manuel Soares, do Infante. As dúvidas estão na linha avançada. Talvez Figueiredo e Abel, respectivamente do Infante e da Académica. Ou ainda o concurso de Ribeiro, do Académico. João Gonçalves parece não agradar ao seleccionador. E todavia, na nossa opinião, será o melhor de todos os avançados, desde que jogue com a cabeça no lugar. De qualquer modo, estamos certos de que o grupo representativo do Porto saberá representar condignamente a região.

TORNEIO DE JUNIORS

A Académica disputou mais um encontro em S. João da Madeira, contra o grupo local, tendo empatado por 2-2.

O jogo que deveria efectuar-se em Espinho, contra o Paço de Rei, foi adiado em virtude do Rink não estar capaz.

OQUEI EM CAMPO

A Académica, apresentando mais uma vez só 10 elementos, empatou com o Sport por 0-0, no campo do Vilanovense.

Após este jogo a Direcção da Académica encarregou Jerónimo Reis, um dos mais prestigiosos nomes da colectividade, de orientar os trabalhos da respectiva secção. Todos estamos, portanto, de parabéns!

O encontro que devia efectuar-se no Campo da Avenida, com o L'Air Liquide, foi adiado devido aos árbitros terem dado o piso como incapaz.

E, a propósito deste jogo, não com-

Relance sobre o OQUEI EM PATINS

Com a devida vénia, reproduzimos uma editorial de um dos programas «Parada Desportiva», da autoria de Gino Sérpi, que o Posto Emissor portuense Orsec manda para o ar aos domingos.

Por força da situação relevante que o oquei sobre rodas disfruta actualmente no nosso País, em natural reflexo dos títulos conquistados pelos portugueses nos Campeonatos da Europa e do Mundo, entende-se que a modalidade em referência deveria merecer especial atenção, de modo a ser possível sustentar e defender o prestígio que a responsabilidade dos triunfos alcançados nos tributa. Mas não sucede assim em todos os centros de prática da modalidade, o que acarretará graves prejuízos à manutenção da superioridade, justamente obtida. Ao perder-se a verdadeira noção dessa obrigatoriedade de trabalho em profundidade, seremos compelidos a aceitar que as vitórias corresponderam a fulgurâncias transitórias e não a afanoso trabalho metódico e consecutivo. Verificando-se que a continuidade é a base vital para a boa orgânica desportiva, só pela sua adopção será possível defender com afinco a invejável posição conquistada por Portugal. No nosso País, existem dois centros organizados na prática do oquei em Patins: Lisboa (seus arredores e localidades limítrofes) que inclui também Setubal; e Porto, igualmente abraçando terras periféricas, tentando movimentar Braga. No papel descritivo, ainda os dois centros possuem paralelismo, mas essa impressão é lamentavelmente enganosa. Enquanto a Ass. Patinagem do Sul faz disputar o Campeonato em 2 divisões, movimentando cerca de 16 clubes, no Norte a Ass. de Patinagem resume o seu Campeonato à I Divisão, com a comparticipação de 8 clubes, isto é, metade. Mas não se queda aí a diferença essencial. O que se torna visível e demarca o valor das duas regiões é

a orientação geral da modalidade, o interesse do público, as receitas consequentes, o valor dos técnicos e treinadores, o interesse dos clubes e a capacidade orientadora, que começa nas agremiações e termina na Federação. Repare-se que não alicerçamos a inferioridade do Norte na qualidade e habilidade dos praticantes, visto que consideramos os nossos jogadores com valor individual tão valioso quanto o possuem os Lisboetas. Quanto a nós, e por conhecermos bem o meio, a nossa inferioridade deve filiar-se na falta de ambiente propício ao largo desenvolvimento da modalidade, por alheamento do público e, muito principalmente, porque os clubes não nutrem verdadeiro sacerdotício pelas manifestações desportivas em que podemos ser mais compensados pelas nossas qualidades ráticas, preterindo-as em favor de desportos mais do agrado das multidões. Adicione-se a comprovada falta de árbitros competentes, o aparecimento de dependências e subserviências entre quem orienta a modalidade, e teremos a explicação do facto concreto, representado pela afirmação, de que o Oquei em Patins no Porto precisa de muito esforço para atingir a categoria necessária. Não são os dirigentes da Ass. de Patinagem do Norte que, encurralados neste ambiente e sofrendo, por influência, de alguns dos males apontados, podem por si próprios, solucionar todas as dificuldades e ombrear com todas as responsabilidades do insucesso. Repartem-se proporcionalmente as culpas e, cientes delas, faça-se um esforço comum por resolver o que se tornar preciso para a valorização do Oquei em Patins no Porto, e, consequentemente, em Portugal.

O Portugal-Espanha em futebol visto a sorrir...

Muitas asneiras se têm escrito em Portugal acerca do celebrado encontro. E assim, também nos achamos no direito de dizer algumas.

Está a tornar-se ridícula a campanha dos *dabluemistas* e contrários. Tanto mais ridícula quanto é certo que, em prejuízo do «colectivo», defendem-se os pontos de vista individuais.

Sim senhor! São todos muito competentes! Mas, com W M ou

preendemos, nem certamente ninguém de boa-fé compreende, a razão porque foi indicado o nome do Sr. Pires de Carvalho para ser um dos árbitros que dirigiria o encontro.

E' sabido que foi este individuo que provocou o *desmantelamento* da secção de Oquei em Campo da Académica de Espinho, com o injusto e rancoroso castigo aplicado a Alberto Vita. Todos os diários do Porto, nas respectivas secções de desporto, reconheceram tal facto. E, todavia, nomeou-se uma vez mais para dirigir um jogo da Académica, e em Espinho, o Sr. Carvalho.

Felizmente, ninguém por cá se deu ao cuidado de notar a presença de tão incómodo «apitador».

Nunca tínhamos ouvido falar do Sr. Pires de Carvalho. Segredam-nos que é o mesmo individuo que, às quartas-feiras, no Electro-Mecânico, diz umas *baboseiras* desportivas. Se assim é, não há que estranhar. E concordemos: como *calinismo* e *facciosismo* é do melhor que há!

sem êle, o que é necessário é que haja disciplina, é que exista «classe», é que se tenha boa preparação física.

Não há dúvida de que existe o mal. Procurar remediá-lo, honestamente, competentemente, é tarefa que se impõe, colocando-se nos lugares de responsabilidade quem saiba da *poda*.

Os relatos radiofónicos, diremos melhor, certos relatos, procuram criar uma *mística* muito despropositada. Cada avançada da nossa gente transforma-se em *grande penalidade* mas... o ladrão do sr. árbitro...

Juizinho!

E, a fechar, contemos esta que é de «primeira».

Quando os nossos amigos espanhóis marcaram o seu ponto, o entusiasmo foi tal que, havendo calculado mal o tempo de entrada, dois avançados que pretendiam abraçar-se, fizeram-no de tal modo que foi necessária a presença do massagista para curar a «turra».

Arre, diabo! E ainda dizem que os portugueses não são «feras». Pois se empatar comnôco é uma tão grande honra!

Nós tivemos os violinos desafiados contra a Itália. Mas os transalpinos, aos espanhóis, transformaram-nos em *bombos*!

CORVOS SOBRE LARANJEIRA

Continuado da pág. 2

caso, a glória de Laranjeira, entregava a consecução da iniciativa académica à ilustre pessoa do Sr. Benjamim da Costa Dias que nos anda a surripiar as pedras do edifício. Pois as cartas que o Sr. Benjamim jornalista entrou de escarrapachar na fôlha dele, foi o *Rumo*, na sua ânsia de adquirir materiais para o templo, que as descobriu na posse do Mer.^{mo} Juís da Vila da Feira, Sr. Dr. José Luís de Almeida; foi o *Rumo* que as pediu, tôdas, ao mesmo Juís; foi o *Rumo* que obteve autorização para as publicar, quer dizer, para serem publicadas no ou pelo *Rumo*; foi o *Rumo* que desistiu de algumas, para que elas fôsem publicadas inéditas em volume com prefácio de escritor competente. O Sr. Benjamim não lhe importou rogar autorização ao filho de Laranjeira, o Sr. Benjamim não teve quaisquer dúvidas ou hesitações: o Sr. Benjamim aferrou-se ao M.^{mo} Juís da Vila da Feira e sacudiu-lhe a benevolência e não descansou enquanto não se enfeitou com as penas do pavão. Ah! Sim! O grande jornalista Sr. Benjamim da Costa Dias obteve um triunfo jornalístico à americana: publicou, antes do *Rumo*, antes da organizadora e promotora Académica, publicou inéditos de Laranjeira! Orgulhe-se! Meneie-se! Empertigue-se! Sr. Benjamim da Costa Dias, jornalista vitorioso! A sua frente, a sua nívea e preciosa testa ficou aureolada por um precioso complemento: um resplendor de glória ou coroa de 1.^o classificado! Honra ao Sr. Benjamim!

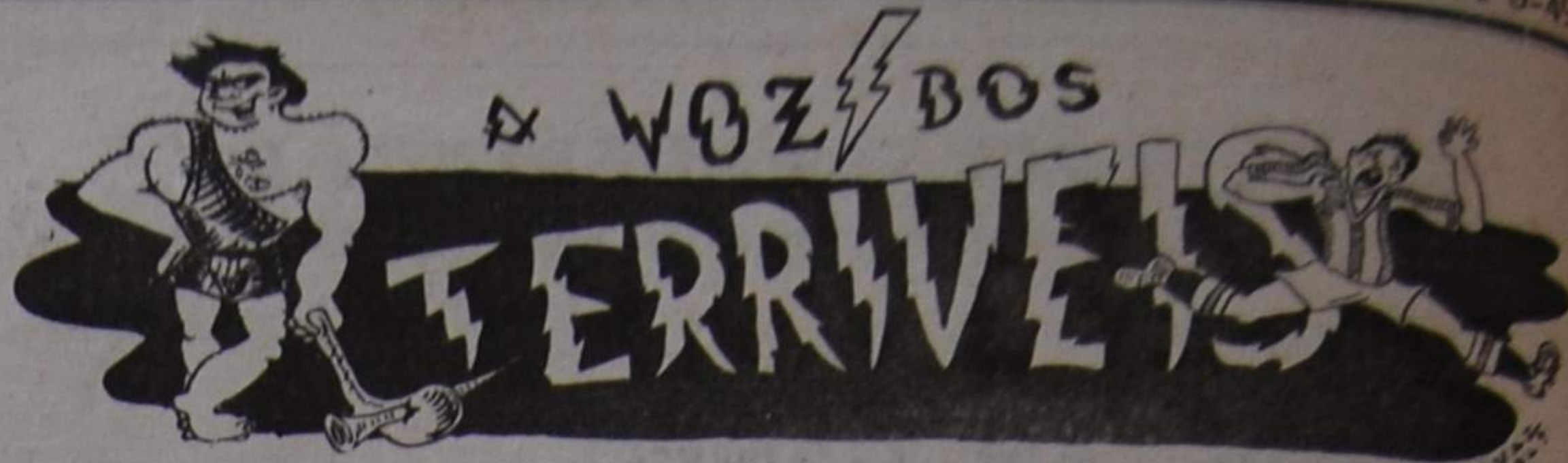
Mas que infelicidade, Ex.^{mo} Sr. Benjamim da Costa Dias jornalista! Que infelicidade! O Sr. imagina o que seria um burguês a comentar Laranjeira? O burguês massacrado, golpeado, satirizado por Laranjeira, o burguês, vingando-se, tomando-o, com seus cuidados, interpretando-o, julgando-o, fazendo-lhe um elogio burguês!

E, a propósito, Mestre Benjamim! Pode dizer-me umas informações? O Sr. sabe, acaso, o que é um filósofo para chamar filósofo a Manuel Laranjeira? O Sr. já pensou alguma vez nas diferenças que existem, por exemplo, entre filósofo, espírito filosófico, espírito filosofante e curioso da filosofia? O Sr. conhece, acaso, o que é um crítico de arte, para chamá-lo, a Laranjeira acrescido do qualificativo «eminente»? Em que se fundamentou para tal? Naquelas impressões dum poeta sobre um pintor que constituem a formosa carta publicada no n.^o 885 da «Defeza»? Ou só o preocupou o fito de atirar com maiores elogios sobre Laranjeira? Porque lhe não chamou também genial cientista? E o que lhe viesse à cabeça? Ora está! Escute, Sr. Benjamim! Quando Afonso Lopes Visira se arrogou o papel de ressurgidor de valores nacionais, por compor umas imaginações que ele cha-

mou restituição do «Amadis de Gaula» à língua portuguesa, o erudito e arguto autor dos «Estudos Filosóficos e Críticos» comentou: «Os valores nacionais não são imaginários: são reais e positivos.» Percebeu, Sr. Benjamim? A glória de Laranjeira é pelo que ele é de facto, pela altitude da sua obra real e adentro do seu género, e não por aquilo que qualquer louvaminheiro se alembre de o nomear. Laranjeira poeta, com o seu existencialismo Schopenhauereano foi um precursor. Laranjeira dramaturgo, com o seu neo-realismo social e panfletário, foi um precursor. Laranjeira, com as suas cartas, com algumas das suas crónicas, com a sua vida, foi um espírito preocupado, dramático e apaixonado, foi um pensador mesmo. Isto, sim, representa a estatura grandiosa, gigantesca, solitária e injustamente esquecida do Homem e do Artista Manuel Laranjeira!

E só outra pergunta, indiscreta concerteza. Quando é que o Sr. Benjamim da Costa Dias define a sua posição? Na boquinha do seu jornal há um letrreiro: **Semanário regional-nacionalista**. No texto da fôlha o Sr. Benjamim da Costa Dias, a propósito duma homenagem feita ao Artista, não se esquece de sublinhar que ele era «um espírito liberto e que tanto amou a liberdade» e era «um democrata vibrante», não se esquece de apontar a geração republicana, democrática e liberalista ou socialista (o que hoje se intitula comunista) «como exemplo a seguir por todos que propugnam por um ideal de paz e justiça». Espere, Sr. jornalista Benjamim! O *Rumo* e a Académica não têm política e, neles, todos os rapazes, sem distinção de ideais políticos, estão a trabalhar pelo nome do Artista Manuel Laranjeira. Agora eu, monárquico fundamentalmente, nacionalista numa emergência como o da passada batalha eleitoral, eu, se tivesse um jornal com o cabeçalho de monárquico ou de nacionalista, ao falar de Laranjeira citava-o apenas como Artista ou metendo-me em políticas, citava-o como exemplo dum idealista iludido, dum pensador sem as informações que os estudiosos e os doutrinários mais tarde abriram, dum filho duma época angustiada e desvairada, nascido num país que má política levava ao descalabro. Essa era a sua obrigação, Sr. Benjamim da Costa Dias, jornalista-director dum semanário regional-nacionalista! O Sr. calava-se em política ou fazia política do nacionalismo, como um jornal democrático só devia fazer democracia. O *Rumo* é apolítico e não falou. Porque falou o Sr. Benjamim?

Antes de terminar, participo-lhe, Sr. Benjamim Dias da Costa, que o Sr. não percebeu nada do que eu disse, em nome da Associação Académica, junto do túmulo de Laranjeira. Eu não



Manobras de diversão...

Segundo elementos colhidos em boa fonte, a C. P. estuda ou apresentou já, um projecto tendente a alterar a primitiva ideia da mudança da linha para a variante que é já sua propriedade e que passa junto ao Terreiro D. Afonso Henriques (antigo Largo da Feira). Essa peregrina ideia visa a transferir a linha, mas para atravessar e servir Espinho... em Anta!!!

Técnicamente não estamos autorizados a fazer afirmações, mas a lógica impele-nos para encontrarmos bizarras nesta nova concepção da C. P. E' possível que este projecto (ou coisa que o valha...) seja finalmente a «espada» que corte o nó górdio desta nossa grande aspiração, mas também pode ser que não seja... Parece-nos significar uma manobra tendente a protelar por mais uns anos o que se torna imperioso solucionar quanto antes, hipótese esta que pômos porque já se tem aproveitado a opinião de certos jornalistas — acolitados por comerciantes que conquistaram posições junto da linha actual — para servir de «cavalobatalha» na divergência que se pretende existir na opinião pública espinhense, no que se refere ao problema.

Acontece que a opinião pública já se manifestou através dos dois jornais locais — acôrdo bem significativo — e que a Câmara Municipal, lidimo representante da nossa gente, também está concorde com a transferência para a variante actual.

Isto é, estamos todos de acôrdo. Resolva-se pois o problema, antes que a C. P. leve a linha não para Anta, mas para Altos Céus... (valha-nos Nossa Senhora!!...).

Do dito ao feito

vai um grande oito...

Temos seguido com interesse as diversas fases da vida do Sporting Club de Espinho, três décadas gloriosas de magnífico labor em prol do Desporto, somente empanadas nos últimos anos por dissidências internas bem pouco agradáveis. Assistimos nos três últimos anos às inúmeras e tem-

lhe exalcei as virtudes cívicas, já que eu não falei no cidadão mas só no Artista e no Homem em seu aspecto universal. (Ah! Laranjeira! Estes juísos da burguesia!).

Aqui me fico, Sr. Da Costa Benjamim Dias! E aí lhe deixo a opinião dos dirigentes do *Rumo* e dos novos dirigentes da Académica identificados com os antigos no desejo de bem-servir.

Espero a sua resposta, clara e sem fios enrodilhados. E é isso que devo esperar do Sr., não lhe parece?

Florentino Goulart Nogueira

pestuosas Assembleias Gerais, onde se tem debatido, em discussões intermináveis, o modo de manter e revigorar a secção de Futebol, e nelas observamos o exuberante «palavriado» dos que prometem «mundos e fundos» para, no momento de satisfação do compromisso, se recusarem pura e simplesmente a cumpri-lo.

Meditando nisto recentemente, fizemos, mecânicamente, uma associação de ideias: Sporting-Festas da Vila; planos-realizações; promessas-realidades; palavras-factos. Vejamos porquê: tardiamente se constituiu uma Comissão para organizar as Festas do Cinquentenário do nosso Concelho e, não obstante a notória falta de tempo, superabundam as ideias e proliferam os planos, aquelas e estes assentes em frágeis e inconsistentes promessas de auxílio.

Palavras doces...

verdades amargas...

Há dias o semanário local dignou-se prestar atenção ao que se passa no nosso clube, tendo elogios à actual Direcção que, segundo a douda, indesmentida e indesmentível opinião do articulista, vem trilhando caminhos diferentes dos traçados pelas gerências anteriores. Surpreendeu-nos desagradavelmente o arazoado, pois se alguma coisa há que não desejemos à Académica é precisamente a atenção que possa prestar-lhe o referido hebdomadário.

Durante os seus onze anos de existência, a colectividade arquivou páginas de todos os estilos e matizes, alegres e tristes, e, destas últimas, grande parte se refere às relações mantidas com a «Defeza de Espinho» e o seu director. A Direcção actual não faz mais do que seguir com maior ou menor largueza de espírito as passadas das que a antecederam, dirigindo-se todo o seu esforço no sentido de defender e acrescentar o bom nome do clube e da terra. Por isso cremos que é de dispensar e rejeitar os louvores rendidos em letra de fôrma por quem tão habituado está a louvar e difamar quem lhe caia ou não nas graças. As suas palavras doces não produzem o menor efeito em quem tem suportado o travo amargo das suas venenosas quanto injustas críticas.

Cremos interpretar o sentimento geral da massa associativa da Académica e seus mentores pedindo ao senhor da «Defeza de Espinho» que remeta o nosso clube ao mesmo simpático e agradável esquecimento a que o votou de há anos atrás até hoje. De resto, temos um jornal que é nosso e a quem compete tratar dos assuntos que nos digam directamente respeito sem ter que recorrer ao elogio bajulador nem a censura virulenta.

O Homem para conhecer

Continuado da pág. 1

visível, material, este mundo dos fenómenos, como dizem os filósofos, impõe ao homem uma pesadíssima constrictão, submete-o bastante a si para que ele possa facilmente pôr em dúvida a sua realidade verdadeira e elevar-se acima de si próprio. Ora toda a filosofia profunda começa por esta dúvida, pelo acto do espírito que se eleva acima do mundo tal como se lhe apresenta. Mas o que se nos impõe com mais força não é necessariamente o mais autêntico. O conhecimento filosófico é um acto pelo qual o espírito se liberta das pretensões do mundo dos fenómenos de constituir a única realidade.

E eis o que é chocante: o mundo como todo, enquanto cosmo, não é nunca apreendido na experiência do mundo fenomenal sensível. O fenómeno é sempre parcial. O todo cósmico é uma imagem inteligível. O poder do mundo sobre o homem «conhecente» não é o poder do todo cósmico, mas o dos fenómenos encadeados pela necessidade e pela regularidade. A alteração do mundo pelo realismo nativo é sempre baseada sobre uma confusão; ajuntam-se-lhe construções da inteligência. Este mundo forçosamente perceptível, o único real para o comum das pessoas, o único «objectivo», é uma criação do homem, exprime a tendência da sua consciência. Quando o homem simples da vida diária diz: «Eu não admito como real senão o que posso aperceber», ele reconhece por isso, sem de tal dar conta, que a realidade do mundo depende dele. Eis porque o empirismo filosófico tem sido uma forma de idealismo. O realismo nativo é o pior dos subjectivismos. O que é unicamente o mundo real dos fenómenos é o teu mundo humano e depende da sua estreiteza, do destacamento do «ele» do espírito em «tu». O homem exterioriza, projecta fora de si a sua própria sujeição que se lhe representa como uma constrictão da realidade exterior. Os critérios puramente intelectuais da realidade são impossíveis, a realidade depende da dialéctica da existência humana, da dialéctica existencial e não intelectual. O ser é uma angústia, diz Heidegger, porque eu me encontro num estado de angústia, e porque eu projecto esta angústia sobre a estrutura do mundo. O mundo fenomenal, tão fortemente real, é condicionado, não somente pela nossa razão, mas ainda pelas nossas paixões e emoções, o nosso medo, a nossa angústia, os nossos interesses, a nossa escravidão no pecado. Há paixões e sentimentos transcendentais e são eles, sobretudo, que criam também, para nós, o mundo, a nossa realidade.

A filosofia, num certo grau de consciência humana, sai duma consciência dualista, duma diferenciação do mundo sensível e do mundo das ideias do fenóme-

no e do núneno, do fenómeno e da coisa em si. Daí partiram Platão e Kant, e tal é o segredo do seu valor externo e da sua profundidade. O filósofo descobriu que o mundo sensível, fenomenal, não é real e não é um mundo único. Mas Platão e Kant tiraram desta descoberta conclusões diametralmente opostas para o conhecimento. Não pode haver, para Platão, conhecimento verdadeiro (epistema), senão do mundo das ideias, do mundo numenal. O conhecimento do mundo sensível não é verdadeiro. Para Kant, não há conhecimento real, científico, senão do mundo dos fenómenos; esse conhecimento não existe quanto aos númeons; à semelhança do mundo numenal, só é possível o conhecimento pelos postulados morais. Esta diferença traduz a evolução do espírito científico nos tempos modernos. Mas nós vimos que a filosofia de Kant era dupla e contraditória e permitia diversas interpretações. Consideram-no ora como idealista, ora como realista, como metafísico ou como anti-metafísico. Eu estou convencido que se compreendeu Kant imperfeitamente: ele era metafísico e deve ser interpretado metafisicamente; ele foi o metafísico da liberdade, talvez até o único. Na tentativa que faço para exprimir a minha metafísica da liberdade, eu partirei de Kant. A aparição de Kant é uma tragédia do conhecimento.

(1) Aqui, esta palavra tem também o significado de *ingénuo e simples*.

NOTA:

Como iniciação à filosofia existencial, Goulart Nogueira publicará em RUMO alguns trechos escolhidos dos principais representantes pré-existencialistas (Kant, Schopenhauer, Nietzsche, e outros) e existencialistas (Kierkegaard, Heidegger, Jaspers, Unamuno, Jean Paul Sartre, G. Marcel, Berdiaeff); depois, fará um resumo dos artigos publicados e exporá a sua própria opinião, adentro da filosofia existencial.

Nicolau Berdiaeff, do qual hoje inserimos um trecho traduzido do seu «Ensaio de Metafísica Escatológica», foi o maior espírito filosófico da Rússia. Cristão, catadrático em Moscovo, exilou-se depois do advento do

N O C T U R N O

No lento e doloroso êxtase do dia,
Quando tudo se esbate em ondas de lilás
E a bruma, lentamente, ao largo se desfaz
Em rosas de fumaça, em névoa fugidia,

Quando a noite enteabre a pálpebra sombria
Da estrela que nasceu, qual pétala fugaz,
Meus olhos vão subindo à milagrosa paz
Que envolve os pinheirais de prata luzidia!

E, da beira do rio ao âmago dos montes,
O mesmo rumorejo idílico das fontes
Quebrando a solidão da rústica paisagem.

Sempre o eterno luar de mística beleza,
Vestindo o corpo nú da fraga mais selvagem
De joias siderais e mantos de princeza!...

Ernâni de Mello Viana

O 50.º Aniversário DO CONCELHO

Não sabemos, na ocasião em que escrevemos, quais as possibilidades ou subsídios monetários com que conta a Comissão Central Executiva das Festas Comemorativas das «Bodas de Ouro» do Concelho de Espinho. Sejam porém essas possibilidades pequenas ou grandes, não poder ser dispensada a cotização voluntária do Comércio, da Indústria e do povo de Espinho, para que o brilhantismo do programa possa atingir o zenite que todos desejamos. Nestas circunstâncias é necessário bater novamente a tecla que restrinja os argumentos já conhecidos de alguns «prestimosos» espinhenses tão prontos a arrecadar, quanto habilidosos são para negar qualquer auxílio (a Misericórdia de Espinho que o diga...).

A propósito, e com a devida vénia, se transcrevem alguns passos de um artigo publicado no Boletim da U. Grémios dos Logistas do Porto (Maio e Junho de 1948):

«Muita gente supõe ou finge supor, que as Festas aproveitam simplesmente aos cafés, restaurantes, casas de bebidas e comidas, tabacarias e aos vendilhões ambulantes, julgando-se dispensada, por ingenuidade ou esperteza, de contribuir para o custeio de tais divertimentos públicos.

Abstemo-nos, por improdutivo, de catequizar os espertos, mas não hesitamos em explicar às criaturas menos dotadas de espírito de observação, que as Festas aproveitam directa ou indirectamente, a todos os habitantes da localidade onde elas se realizam, à Nação e, até, aos países que mantêm connosco quaisquer relações comerciais.

— Como assim?

— Facilmente se demonstra: — Trabalho extraordinário para centenas de operários de vários ramos; venda de inúmeros artigos para ornamentação e iluminação. Afluência de forasteiros exgotando os meios de viação, movimentando a cidade, enchendo os hotéis, restaurantes, casas de pasto, cafés, bares, etc., etc. — Aumento de recursos de centenas de trabalhadores e patrões que ficam com maior capacidade de compra que aproveitará ao negócio de retalho, ao armazenaista e fabricante que terão de reabastecer «stocks» diminuídos ou esgotados.

bolchevismo, foi professor em Berlim e fixou residência em França onde morreu em 1948. Entre as suas obras mais célebres contam-se: «O problema da teoria do conhecimento», «O pragmatismo», «O sentido da criação», «O sentido da História», «O cristianismo e o comunismo», «Uma nova Idade-Média», etc.

DEPOIMENTOS

JÁ É TEMPO

E' absolutamente necessária a rápida intervenção de quem de direito, para recompôr o grupo de honra de hoquei em patins da A. A. E. que se encontra, presentemente, numa verdadeira lástima.

No fim da época passada, fizeram-se promessas para evitar o mal que todos receavam, mas, por irritante comodidade de alguns e desinteresse de outros, nada se fez.

O certo é que, quando da última reunião de jogadores e dirigentes, discordámos da entrada do nosso grupo no «Torneio Início» e na «Taça de Honra», antevendo os maus resultados que faríamos por falta de preparação.

Poucas pessoas concordaram com a nossa maneira de ver. A maioria ganhou, mas hoje verifica-se que os resultados foram os peores que se podiam esperar.

Atirou-se com uma equipa desmantelada, sem preparação alguma, sem treinos e sem moral até, para as primeiras provas oficiais deste ano; esqueceu-se ainda que esse grupo teria de fazer todos o jogos no Palácio de Cristal, com um péssimo ambiente a rodeá-lo e em manifesta baixa de forma.

E' triste, devemos confessar, actuarmos numa equipa que já foi boa, que mantém os mesmos valores no activo e que só por falta de vontade e por má orientação se sujeita ao ridículo de se apresentar inferiorizada por não ter treinos.

A justificação que se tem dado para a maior parte dos fracassos deste ano é a falta de um médio. Mas então os outros?

A defesa está irreconhecível e o ataque em tal desinteligência que, nos jogos efectuados, se tem limitado a uns arrancos individuais sem proveito algum para a equipa.

E' um grupo neste estado que se pretende apresentar no Campeonato Regional? E' com esta preparação que se pensa ingressar no Campeonato Nacional?

Que não pensem nisso os entendidos porque... *Para vergonha já basta!*

E como urge tomar uma atitude, proponho aos responsáveis a seguinte solução para tão melindroso problema:

Obriguem-se os praticantes a fazer uma hora diária de treinos, a exemplo do que fazem as boas equipas; consiga-se que esses treinos sejam orientados por Amparo Santiago, antigo jogador e praticante da modalidade; crie-se escola de patinagem com o fim de procurar elementos que possam ingressar na secção de hoquei patinado; que todos os praticantes se convençam que, por muito habilidosos que sejam, têm absoluta necessidade de treinos, porque sem eles nada conseguem.

Esta é a nossa opinião. Se algum colega de equipa não concordar com ela, que a conteste seriamente, sem brincadeiras ou criancices porque agora... o caso é sério.

Isto por nos lebrarmos que, envergando a camisola da Associação Académica, que muitas pessoas ainda pensam ser constituída por **Rapezes**, temos obrigação de demonstrar que fomos sempre e continuaremos a ser **Homens**.

Armando Morais



Fiel aos seus princípios de aumentar a cultura do leitor, RUMO transcreve, com a devida vénia, este artigo sobre uma literatura quase desconhecida para nós, publicado em «Nouvelles Littéraires» e traduzido por Nuno Rangel

A literatura chinesa viveu há trinta anos uma revolução de que sofre actualmente os efeitos. Voltada até aí para um passado que lhe dava os seus mestres e os seus modelos, só acessível aos letrados, visto que a língua escrita tornava-se proibitiva para as pessoas vulgares, ela rompeu bruscamente com uma tradição secular. Hou-Che, um dos promotores do movimento declarou: «Desejo que a literatura de hoje deixe de ser apanágio exclusivo de alguns indivíduos, para constituir forte corrente capaz de se espalhar pelas massas».

Faltavam, à nova literatura que rejeitava os temas ancestrais, os modelos. Mas ela procurou-os no estrangeiro, sobretudo na Rússia, na França e nos países anglo-saxões.

O teatro e o romance tinham utilizado quase sempre a *língua falada*. Eram dois géneros inferiores que não procuravam sair da posição de antepassados pobres que se lhe tinha fixado. Mas em 1917-1918, Hou-Che e o seu grupo lançaram a fórmula da literatura popular através da *língua falada*, que, não contente de coexistir com a literatura erudita a devia substituir.

A partir desta época e apesar dos esforços do partido contrário, a *língua falada* ou Pai-houa não deixa de ganhar terreno até que em 1920 um decreto ministerial consagra a sua vitória: o Pai-houa passou a ser a língua nacional ensinada em todas as escolas. Hoje, todas as publicações, livros, jornais ou revistas utilizam o Pai-houa. A rapidez desta evolução revela bem que a mudança correspondia a uma necessidade profunda.

Entre os escritores que ilustram o movimento, dominam três figuras: Lou Siun, Pa Kin e Lao Chê.

Lou Siun (1881-1936). Depois de ter começado na China estudos científicos, depois de estudar medicina no Japão, dedica-se à literatura que, sozinho, pensou ele é capaz, de modificar o espírito duma nação. Após alguns fracassos, desanima, e é sob a influência dum amigo que resolve escrever os primeiros contos. O prefácio de «Gritos» narra as suas incertezas:

«Imaginar», diz ele, «um quarto todo de ferro, sem nenhuma janela, e difícil de destruir; nêle,

LITERATURA CHINESA CONTEMPORÂNEA

Por PEDRO LICHE HOUA

muitos dormem um sono profundo, morrendo em breve, asfixiados e passando do torpor do sono para a morte sem conhecer o medo. Agora, se lançardes grandes gritos, acordareis em sobressalto os menos entorpecidos, condenando-os a sofrer a angústia duma agonia sem esperança. Acreditais que fazeis bem?

— Mas, depois que alguns se levantam não podeis dizer que não há nenhuma esperança de abater o quarto de ferro.»

Nas colecções de novelas, «Gritos» e «Perplexidades» (1922-1925), ataca violentamente os defeitos de seus compatriotas: «Enquanto o castigo do Creador não cair sobre os ombros do nosso povo, a China não passará da China».

E porque a virulência lhe parece mais eficaz abandona o conto para escrever trechos satíricos.

E' no volume «Gritos» que se encontra a obra prima de Lou Siun, *História autêntica de Ah Q*. Este Ah Q personifica a velha China, mole e apática, enfatuada, fatalmente destinada a perecer. Condenado Ah Q à morte pelos revolucionários a cujo número julgava pertencer, o autor intitula irónicamente o último episódio do seu conto — Alegria.

Lou Siun nunca chamou a si o papel de profeta. Lança a luz mais de boa vontade sobre as dúvidas do que sobre as certezas que, reflectindo, se revelam indecisas: «Guiar os outros, não é na verdade fácil, porque eu mesmo não vejo claramente, agora, o caminho a seguir... A China, sem dúvida, possui «precursores», «chefes», mas eu não o sou — e não creio nos outros».

A sua concisão áspera, o seu realismo pungente, o vigor do seu pensamento fazem-no um mestre que os escritores de hoje veneram e procuram imitar.

Pa Kin, nascido em 1905, pertencia a uma dessas grandes famílias que aparecem frequentemente nos romances de Pearl Buck. Orfão, desde menino, cresceu sob a tutela dos tios contra os quais se vem a revoltar. O seu temperamento ardente levou-o a apaixonar-se pelas teorias revolucionárias que descobre em Kropotkine. Depois de estudar em Changai e Nanquim, vem à França em 1927. Por causa de dificuldades financeiras tem de

trabalhar numa fábrica. E' nesta época que escreve o primeiro romance. Depois de regressar à China, produziu uma obra abundante, contando numerosas traduções. (Tolstoï, Tourguenief, Gorki, etc.)

Em tudo que escreveu, romances ou novelas, comove-se com as misérias dos homens, com a juventude cujas aspirações são despedaçadas pelas obrigações sociais ou familiares. A mais célebre das suas obras, «Uma Família», tem sido o maior sucesso do romance contemporâneo na China. Nele, Pa Kin pinta a decadência do antigo sistema familiar que ele sofreu na adolescência. Embora se defenda de ter escrito uma autobiografia, não é menos verdadeiro que, como confessou, criou uma obra «impregnada de seu sangue e de suas lágrimas, de seus amores e de seus ódios, de suas tristezas e de suas alegrias», isto por encher o livro duma verdade surpreendente.

A mágoa de Pa Kin, às suas revoltas junta-se uma grande liberdade de espírito. Esteve sempre fora da política, embora nalguns escritos pareça revolucionário; mas ele é sobretudo um humanista romântico que se exprime num estilo poderoso, fácil, bem diferente da concisão de Lou Siun.

Lao Chê pertence a uma família mandchu de Pekim. Nasceu em 1898. «Desde a infância», diz ele, *que sou pobre. O meu carácter sofreu profunda influência de minha mãe. Mesmo estafimada, não queria pedir nada aos outros».*

Depois de frequentar os cursos da Escola normal em Pekim, foi enviado a Londres onde escreveu a primeira obra importante. De regresso à China em 1929, chegou a professor da Universidade.

E' conhecido nos países anglo-saxões e na França pela tradução do seu romance «Coração Contente, coolie de Pekim» que nos mostra a vida miserável das crianças na velha cidade chinesa. Não obstante a quente simpatia que sente por seus heróis, não se deixa tomar por sentimentalismos; a narração segue ligeira, ágil, mesmo nas passagens mais patéticas; não sobressai nenhum

CANTILENA

Nesta roda-roda rodar não prometo,
Cavalinho branco, cavalinho preto,
Cavalinho branco — como gostar!
Tôda a roda-roda roda em alegria.
Cavalinho preto dá sonhos magoados:
Ir na roda-roda dos olhos fechados.
Mas a roda-roda roda tão depressa:
Cavalinho branco, preto já começa...
Serei nesta roda feliz, infeliz
— Vou na roda-roda dos cavalos gir.

António Manuel Couto Viana

devaneio e a emoção dissimula-se sempre sob um sorriso.

A sua obra mais recente, «Quatro gerações sob um telhado», apresenta-nos a vida de Pekim debaixo da ocupação japonesa e as reacções das diferentes gerações diante do invasor. Esta importante obra, em três grossos volumes, é notável pela grandeza da «pintura» e pelo sopro patriótico que a atravessa.

Deste modo, Lao Chê soube elevar-se da observação mesquinha de factos isolados a uma visão total, grandiosa, e passar da anedota à epopeia. E' por isso que ele se distingue da maior parte dos seus contemporâneos, incapazes, muitas vezes, de conceber uma obra de envergadura. Por outro lado, a sua linguagem saborosa e pura faz dele o melhor representante da literatura em Pai-houa.

Outros, em grande número, romancistas, dramaturgos ou poetas, foram voluntariamente esquecidos no quadro restrito deste artigo. A literatura chinesa, renovada na essência e na forma, oferece uma esplêndida floração que nos permite bem predizer o seu futuro.

HAMLET

Continuado da pág. 9

elementos simbolistas e realistas. O «Hamlet» de Shakspeare é drama, objectivismo, análise psicológica; o «Hamlet» de L. Olivier é beleza formal, classicismo, simbolismo, estética visual. Ao carácter da obra shakspeareana substituiu-se o carácter da obra lawrenceana. L. Olivier não nos deu a tradução cinematográfica do «Hamlet»; criou um «Hamlet», respeitando embora a história e diálogos, mas aproveitando isso para os dispor na sua visualidade que mudou o carácter essencial dessa história. Um americano faria do «Hamlet» uma bambochata; o europeu Lawrence Olivier fez uma obra-prima de beleza.

Sapiência

Atrás de tudo o que digo,
Quem souber ler lê amor.
Tudo o que trago comigo
Quer dizer anseio e dor.
Atrás do amor que em mim brota,
Quem souber ver vê a mim.
Atrás da minha derrota,
Deus constrói vitória ao fim.
Agora inda não entendo,
(Como é pobre o refrigerio!...)
Quem lê não sabe. Ando lendo.
E o que soletro? O mistério.
Mas para quê compreender,
Se a aspiração nunca finda?
Aquele que souber ler
Mais mistério encontra ainda.

FLORENTINO

DA MÚSICA E DOS MÚSICOS

O Gênio não sofre imposições!

por BERTA ALVES DE SOUSA



O rio corria...

Ali, onde as árvores eram mais velhas e se debruçavam desvairadas, revoltas, ou se inclinavam harmoniosas, doces, e a sombra fazia poesia, passava sereno e profundo, belo e sábio.

Se pudesse parar... se pudesse escolher, eternizar, aquele tempo de segredos, de amor, de perfeição... Mas não podia. Algo de misterioso obrigava-o a um constante adeus. E, cheio de saudade, fugia, fugia sempre, arrastando lágrimas e estrelas.

O homem pensava...

A hipocrisia e a covardia vencem, apagam todas as virtudes que poderiam elevar o homem e melhorar a sua existência. Só ouvia gritos de revolta e medo.

Desespêro dos vencidos e medo dos vencedores.

A humanidade é um rio imenso, caudaloso sujo e agitado, correndo veloz para o fim, para um mar infinito onde findam os redemoinhos e se diluem as paixões. E não há forças para transformar o rio num curso límpido e sereno capaz de receber a pureza das estrelas e a música suave dos segredos de amor...

A coragem vive longe, entre os Deuses. Criaram-se convenções para esconder, abrandar as asperezas da verdade mas o sangue dos inocentes e dos fracos, acusava a mentira, o fracasso.

Tinha de desprezar os homens e as suas convenções tolas.

O homem pensava e, a seus pés, o rio corria, num constante adeus.

As suas vidas corriam paralelas, por caminhos diferentes, arrastadas por uma força igual.

Mas o homem era superior. A alma e a coragem fazia-no Senhor. E ele escolhera o caminho, aban-

NOTICIÁRIO

Somos obrigados, por motivos de atraso de alguma colaboração, a só publicar em Abril o grande suplemento especial dedicado a **MANUEL LARANJEIRA**.

No próximo numero' além dos colaboradores do suplemento especial, escrevem: *Fernando de Araújo Lima, João Gaspar Simões, Amorim de Carvalho, Jorge Pelayo, Pedro Homem de Melo, António Manuel Couto Viana, Artur da Fonseca, Alfredo Pimenta, António Ramos de Almeida, José Marinho, Alves Redol, Goulart Nogueira, Dante Albuquerque, etc.*

Jorge Händel não se tornou o cientista tão ambicionado pelo pai, foi no entanto o glorioso criador de tantas imortais obras, o Mestre da Oratória e um dos grandes exemplos de que o «gênio» não sofre imposições porque a tudo se sobrepõe!

O HOMEM
E O RIO

por NUNO RANGEL

donara a sociedade, repudiara a hipocrisia, a traição, e conquistara para si aquele recanto da terra banhado pelo rio que ali corria sereno e belo, beijando as árvores e colhendo amorosamente manchas, sonhos.

Henry Thoreau, quebrara as cadeias imbecis que atrofiavam a sociedade e construiu por suas mãos, com o seu sangue, nas margens daquele rio que tanto amava, um lar. Mas não vivia só. A Natureza, o seu grande amor, prenhe de encantos e de surpresas, fazia esquecer a solidão. Não vivia sózinho aquele que via nos animais, nas árvores, nos rios, nas montanhas e no céu, irmãos amigos e queridos. A vida intensa dos bosques, feita de milhares de pequenas vidas e de inúmeros encantos, enchia os dias e apagava a recordação duma existência que ficava para além duma flor de veludo mostrando ao sol a pedraria viva das gotas de orvalho.

Mas, Thoreau não fugira à sociedade sómente para criar um mundo ideal. Além do protesto veemente, corajoso, estava a ânsia de perfeição. E o lugar mais perto do Olimpo era a Natureza, obra perfeita dum Ente superior, Deus. Assim o entendeu o coração generoso do poeta-filósofo. Hoje, diante centenas de páginas do seu diário, conhecendo a maravilhosa aventura com a Natureza, através de momentos de inesquecível beleza, sentimos a grandeza do homem perante a vida, o mundo e Deus.

Magnífica lição de coragem e honestidade a deste coração que não temeu seguir, trilhar, o caminho apontado pelo cérebro. Podem acusar Henry David Thoreau de individualista, mas não esqueçam que se existisse a perfeição individual, a comunidade perfeita seria a realidade a bem dum mundo melhor.

Na casa da família Händel, em Hall, na Saxonia, reinava uma desusada agitação. — E' que havia chegado, há poucos minutos, um estafeta vindo de Weissenfels, reclamando a imediata presença do Dr. Händel, camareiro e cirurgião da côrte, devido a um acidente passado no castelo. Ao dar as últimas ordens de partida, o cirurgião dirigiu-se pressurosamente ao aposento de sua esposa, onde encontrou, como quase sempre, a grande amiga da família, uma senhora delicada e débil, que todos chamavam; a tia Aninhas. Após have-las informado do motivo da partida súbita, perguntou, inquieto, pelo seu filho. Jorge, ao que sua esposa respondeu não saber onde se encontrava, visto ter saído esquivamente.

«Esta vida assim não pode continuar», retorquiu o cirurgião com firmeza. «Eu quero que ele seja um cientista, e para isso ele tem de ser aplicado!». «Mas se o rapaz tem talento para a música?!», ousou aludir timidamente a tia Aninhas.

«Qual musical!» replicou o Dr. Händel, irritado. «As artes não dão sequer o pão de cada dia! E' quero que ele se torne um homem digno e respeitado. O meu nome serve-lhe de exemplo; acabando a escola entrará na Universidade. Hei-de vigiá-lo sempre!».

Despediu-se das interlocutoras e seguiu na carruagem para Weissenfels.

Quebrando um penoso silêncio, perguntou enfim a tia Aninhas à mãe de Jorge: «E's feliz, Doroteia?!» «Sim, sou feliz», respondeu pensativa a Sr.^a Händel, «porém não completamente!»

«Ele é bom, mas receio pelo Jorge, que só pensa na música, e o pai pretende obrigá-lo a estudar as ciências. Nem sei para onde ele foi: e se não fez ainda os seus exercícios de latim, não sei o que acontecerá esta noite. Händel é muito severo!» A confidente retirou-se perturbada, ao relembrar o dia em que surpreendera o pequeno Jorge tentando fazer um violino com as tampas de uma caixa. Sabendo que o pai desaprovava qualquer inclinação musical, ela decidira proteger aquela criança precoce, dando-lhe secretamente o seu clavicórdio e um mestre organista, pois presentira-lhe extraordinários dons. Desde então, estava na própria casa do Dr. Händel, o instrumento, muito oculto, junto a um gelásio do sótão.

Jorge refugiava-se ali de noite e durante o dia quando o pai se ausentava, satisfazendo assim a sua grande paixão musical! — A carruagem do Dr. Händel já ia longe, quando à porta de uma estalagem onde o cirurgião costumava apear-se, ele descobriu a silhueta de um rapazinho dos seus sete a oito anos que na aproximação lhe deu a certeza de ser o seu próprio filho.

«De onde vens tu?!», perguntou-lhe o pai ao descer da car-

ruagem, em tom cheio de severidade. Jorge, com grande embaraço, respondeu que, desejando ir à côrte, lhe veio ao encontro. «Tão longe de casa?!», replicou o pai. «Podes adoecer com tais caprichos. Além disso tens de escrever os teus exercícios, pois quero que estudes, cumprindo bem o teu dever.» «Meu Pai», suplicou Jorge, erguendo para ele o seu olhar franco. Já os fiz há muito. Acho o latim fácil, e sempre tenho estado muito à frente de todos os meus condiscípulos.»

«De certeza?», exclamou o pai, já menos ríspido. «Sim, meu pai, respondeu Jorge. «Bem sabeis que nunca minto.» No rosto do cirurgião perpassou um sorriso de satisfação e orgulho, lembrando-se do título «Doutor honoris causa» que lhe fôra conferido pela Universidade, e que ele tanto desejava também para o filho, um dia! Nesta ocasião interveio o cocheiro pedindo ao amo que não permitisse que o menino Jorge regressasse a pé por tão longo caminho. Jorge teve ordem de entrar na carruagem, e durante o trajecto o pai não se esqueceu de sujeitá-lo a um rigoroso exame de latim, no qual Jorge saíu vitorioso.

Quando o Dr. Händel voltou ao anoitecer a casa com o filho, já o seu mau humor se havia dissipado completamente; as aptidões de Jorge e a carinhosa recepção no castelo onde aconselharam o pai a beneficiar os anseios artísticos do filho, para os quais o diziam predestinado, não o haviam deixado insensível à lisonja.

Pouco tempo depois, dirigia-se o pai um dia ao sótão, inesperadamente, em busca de umas raízes de plantas raras, que ali zelosamente guardara, quando ouviu sons de um piano. Seria porventura da casa vizinha aquela música?! Mas não, era de facto no sótão que distintamente soavam um Coral, um Minueto, uma Gavota, Giga, e mais trechos primorosamente tocados!

O Dr. Händel avançou mansamente com desejo de ver o misterioso intérprete, quando deparou com o próprio filho, tão absorto, que nem sentira a sua aproximação. Muito emocionado e surpreendido, o pai sentiu ao vê-lo, marejarem-se-lhe os olhos de lágrimas! Saiu então silenciosamente a procurar a esposa, que acorreu trémula de susto, receando pelo filho, e após haverem escutado e observado o pequeno artista, o Dr. Händel chamou por ele com voz sonora. Jorge, porém, ao ouvir o pai, saltou do lugar, aterrado, e procurava instintivamente proteger o precioso instrumento, cobrindo-o com o seu próprio corpo. O cirurgião, porém, tranquilizou-o quando condescendeu com brandura, afirmando mesmo patrociná-lo na sua nova carreira, contanto que não sacrificasse o estudo das ciências. A sua mãe chorou de feliz emoção... e se

Inscrevendo-se como sócio da ASSOCIAÇÃO DE SOCORROS MÚTUOS DE ESPINHO cuida do seu futuro e colabora no engrandecimento da mais antiga colectividade do concelho

SOLBERIS

...é um store

ARMAZEM DE MERCEARIAS

Cereais — Toucinho
Gorduras — Sabões

Aires & Magalhães, L.da

605 — RUA 22 — 609
(Em frente aos novos Paços do Concelho)

Telefone 342
ESPINHO

Agrupamento Comercial e Industrial, L.da

FÁBRICA DE ESPELHOS

BISELAGEM
ESPELHAÇÃO
FOSCAGEM
Gravura artística
em vidro



CRISTAL
EM CHAPA

Vidro impresso
em todas as cores

Telefone, 75

Telegramas: ACIL

FÁBRICA E ESCRITÓRIO: **OVAR** LARGO 1.º DE DEZEMBRO

DUARTE & C.ª
— Armazenistas de Merceria —
Rua 19 - **ESPINHO**

SECÇÕES DE VENDA A PÚBLICO :

Mercearia Porto | **ESPINHO**
Praçadores, 104 - Tel. 3771
— **GAIA** — | Rua Dezanove - Telef. 10

SABOARIA ATLANTICA

Rua 26 — **ESPINHO**

Armazenistas de MERCENARIA * NOBITES * CEREBIS * ETC.

Cadinha & Couto

RUA DEZOITO • TELEFONE 52 • **ESPINHO**



CASA SOUSA
PAPELARIA E LIVRARIA
— J. Moreira de Sousa Júnior —
Telefone, 99

Carteiras, Posta-moe-
das, Pastas, Produtos
de perfumaria—La T ja
—Jogos, Novidades

Rua 19 N.º 215—**ESPINHO**

CARPINTARIAS

Limpos para todos os tipos
de construções, armações
para estabelecimentos e
tacos para paiqué, etc.



MARCNARIAS

Mobiliário em todos os esti-
los em madeiras nacionais e
estrangeiras, etc. - Melhores
preços - Novas instalações

Fábrica Moderna de Carpintaria e Marcenaria

DE

José Augusto da Silva Quintas

TELEFONE N.º 59
APARTADO 48

RUAS 18 E 39
ESPINHO

PADARIA PROGRESSO

DE

Manuel Maria Valente

DISTRIBUIÇÃO AOS DOMICÍLIOS

Fabrico esmerado de todas
as qualidades de pão

Telefone 6 - (PARAMOS)
SILVALDE

PADARIA MECANICA

A PÉROLA DE ESPINHO
— DE FARIA & IRMÃO —

Especialidade em pão sem fermento artificial, Pão francês de luxo,
bijou, etc. Fabrico esmerado e higiénico pelos mais modernos
mecanismos. A higiene é a divisa da Padaria «PÉROLA»
ENTRADA LIVRE

RUA 16 — 231 — Telefone 84 **ESPINHO**

FARINHAS, CEREAIS E MERCEARIAS
— VENDAS POR JUNTO —

Baptista & Oliveiras

Unicos representantes em Espinho de

Fábrica de Massas Alimenticias «Mila-
neza» SABOARIA DO BOLHÃO, L.da
Fábrica Portuguesa de Fermentos Ho-
landeses, L.da
ADUBOS «S. A. P. E. C.»

Tele fone, 21
gramas 1 FARINHAS
APARTADO, 5

Rua 62-**ESPINHO**

PADARIA PRIMOROSA

de - AFONSO FERREIRA GAIO

Pão de trigo e de milho — Especia-
lidade em fabrico de pão de milho
— **ESMERO E ASSEIO** —

Rua 14, 833 **ESPINHO**

Execução rápida e perfeita em todos os trabalhos tipográficos • TRICROMIA
TIPOGRAFIA PROGRESSO
RUAS 11 E 20 • **ESPINHO**

A Missão dos Intelectuais

Continuado da pág. 10

visto já com outros olhos e interpretado já doutra maneira. Nos dias obscuros de Vichy, quando constou ao Mundo que Romain Rolland, o mais representativo dos novos humanistas franceses, tinha morrido num campo de concentração nazi, eu resolvi ler o Jean Cristophe de mistura com algumas páginas de Benda, quando ele queria, não meter a França na ordem, mas apenas chamá-la a Razão, isto é, ao seu verdadeiro caminho, que fora desde 1789, pelo menos, a larga estrada por onde o Mundo avançara com os olhos postos no Futuro, no Progresso e na Liberdade. Rousseau, Diderot, Renan, todos os grandes combatentes da Razão, de Voltaire a Balzac, do romantismo altissonante de Victor Hugo ao naturalismo de Zola, da «mística» de Pascal ao realismo de Flaubert ou ao satanismo de Baudelaire, — em todo este amalgama brilha aquela divina Razão que os franceses endeuzaram — tudo e todos estavam sepultados pela traição vergonhosa daqueles que nem sequer tinham respeitado o instrumento da sua própria grandeza. Até a Deusa se corrompera, até ela tinha sido contaminada pela devassidão daqueles, cujos avós a tinham adorado e com ela, só com ela, justificado actos de grandeza e ignomínia. No ventre de Paris estava toda aquela miséria que Zola arrancara, que depois devassara tudo, vinda de cima com o luxo e os vícios dos grandes dominadores, dos supremos exploradores. Faltara alguma coisa à Razão dos franceses, e foram os intelectuais resistentes em comunhão com o povo que disseram o que era. Encontrei a «razão», a nova razão, já em conluio com a realidade, numa página de Elsa Triolet escrita com o sangue e o heroísmo da resistência. Estava lá...

Soube, depois, que Hitler ao entrar em Paris, como grande conquistador fôra na mesma noite à Opera, mandara acender as luzes e estivera num camaro-

te a banhar a sua megalomania no estilo rocóco, sumptuário, argentário daquela França conquistada. No outro dia, logo pela manhã, foi ao Arco do Triunfo, contemplar o Túmulo de Napoleão. O grande curso era ainda, quem dava a «Razão» aos tiranos... Foi concerteza a última das razões da Razão Formal.

Os poetas da França estavam então a cantar a nova madrugada na clandestinidade; era Aragon, era Eluard, era Vercors. E os sábios? Cassou escreveu uma página luminosa, como tudo que a sua pena tem escrito, em que explica racionalmente não só a razão mas a humanidade, a verdade, daquele heroísmo concreto e real da resistência. Os «clercs», os autênticos, não tinham traído...

No fim da luta, quando a hora da Vitória souu e parecia que era, Maurras, velho e surdo, com um fraque do outro século, foi julgado e condenado. Era um símbolo. Assim acabava a Action Française... A profecia cartesiana de Benda fôra verdadeira mas não previra — eis o que faltou à sua razão cartesiana — que dos escombros da França dominante e da França espesinhada, maltratada, vilependiada pelos inimigos da Razão, da Vitória, da Cultura, do Progresso, levantara o escol intelectual da França a clamar conjuntamente com o Povo a sua Vitória.

A missão dos Intelectuais é não trair, é estar em todos os transes e em todas as emergências com o Povo, com a Pátria, com a Realidade, com a Verdade, com a Razão e com a História. Não há meios termos, a linha que divide o mundo é cada vez mais nítida e está cada vez mais tensa, a suprema causa da Humanidade já não admite transfugas, disfarces, divisionistas, traidores, senão no fugaz reinado dos tiranos ilegítimos.

A seguir: **A Ideia de Progresso**

CARTA BANAL DO MEU AMOR

Continuado da pág. 1

O sol faço-o brando e amável, mas conservo-lhe o doirado; e tenho-o nos teus cabelos. Os juncos, à beira-rio, ou a curva fidalga de orgulhosas recusas, integro-os no teu porte sereno. Um gomo túmido, perfeito, intacto. vejo-o misturar-se à mocidade dumá rosa branda para serem milagre em tua boca. Carnais, os teus olhos para os meus sentidos, espirituais os teus olhos para o meu afecto, desmaiantes os teus olhos para o meu coração, nos teus olhos diluo frias safiras e luar doentio. Por isso, eu que tanto adoro ver-te, desvio, em certas ocasiões, o meu olhar do teu vulto e, sobretudo, dos teus olhos: para não aumentar o sofrimento. Como esmola aceito o que me digas, eu que sou orgulhoso. Tenho

ciúmes, e esmago-os, e dedico-me a estimar as causas deles. De tal modo te quero, que te amo mesmo quando não penso em ti. Magoa-me a tua tristeza porque te desejo feliz; magoa-me a tua alegria por não ser eu a razão dela. Se te não vejo, entristeço. Entristeço, se te vejo. Ausente, busco mirar-te. Face a ti, lembro este cárcere. Desconexa, a minha vida semelha boneco esfrangalhado pelas mãos de gentil menino caprichoso. Como ladrões à noite descendo à estrada, assaltam-me pensamentos assassinos da minh'alma. Tudo isto faz-me um cisne constantemente a morrer num lago-espelho, cheio de limos e de lodo no fundo; e o cisne morre, sob o tímido beijo das estrélas, entre nenúfares

SOBRE UM ASSUNTO VAGO

Continuado da pág. 10

contemporâneas de gosto estético; para ele deverá convergir um enorme reconhecimento dos inúmeros artistas que através dele se mostraram ao público, arrancados a custo ao anonimato, e também do público por ter diante dos olhos esses tão raros espectáculos de beleza, nesta cidade comercial, trágico berço de enormes artistas.

Só ele e alguns mais (tão poucos!) acreditam ainda na possibilidade de aperfeiçoamento extra-muros

Já alguns se refugiam, criando para si beleza que alimente nas suas almas a ânsia de perfeição que é o pão nosso de cada dia — voltando as costas ao público inferior (desculpem, caros leitores, a rudeza) verdadeiros porcos a quem se lançam pérolas.

De resto, sempre foi um pouco assim; a obra d'arte requere quase tanto do público como do temperamento criador.

Mas voltemos ao assunto — a exposição infantil.

Alguém dizia perto de mim: — «Mas é um fenómeno! Esta Noi é certamente um outro Pierino Gambal». Como puderam ser do pequenito (4 anos) Resende Dias aqueles desenhos abstractos? Não, decididamente, nos óleos sobre papel da parêde da direita, aquela «Elegante» com chapéu de abas largas, e a jarra verde com folhagens sobre fundo amarelo, não posso nem quero acreditar.

Realmente, anda por ali tanto Matine, tanto Chagal... tantos outros mestres d'hoje.

Como foi isto possível?

E' que a todos nós, crescidos, é duro acreditar na sabedoria das crianças — não é fácil seguir o preceito divino de se ser como é um menino.

Não é fácil. No entanto, os grandes mestres dos nossos dias descobrem essa meninice ainda aos 40 e 60, e mais anos de idade.

E' um grande apelo ao que no homem é menino; encontrou-se que ser menino (embora, como diz tão bem Almada, isso não permita atravessar as fronteiras e ir a Paris) é um bem para a humanidade.

Ser menino e Poeta, uma verdadeira profissão em que ninguém acredita, — Não pode figurar nos passa-portes.

Será isto uma nova infância da humanidade? A infância dum nova época feliz e ingénua? Como é reconfortante pensar que assim possa ser, embora duvidando um pouco!...

E agora não resisto a terminar com um poema deste meu amigo Almada Negreiros que é certamente o maior fenómeno nacional contemporâneo no terreno em questão:

«Pede-se a uma criança. Desenhe uma flor! Dá-se-lhe papel e lápis. A criança vai sentar-se no outro canto da sala onde não há mais ninguém.»

Passado algum tempo o papel está cheio de linhas. Um na direcção, outras n'outras; umas mais carregadas, outras mais leves; umas mais táceis, outras mais custosas. A criança quis tanta força em certas linhas que o papel quase que não resistiu.

Outras eram tão delicadas que apenas o peso do lápis já era demais.

Depois, a criança vem mostrar essas linhas às pessoas: Uma flor!

As pessoas não acham parecidas estas linhas com as de uma flor!

Contudo, a palavra flor andou por dentro da criança, da cabeça para o coração e do coração para a cabeça, à procura das linhas com que se faz uma flor, e a criança pôs no papel algumas dessas linhas, ou todas. Talvez as tivesse posto fora dos seus lugares, mas, são aquelas as linhas com que Deus faz uma flor!»

E' assim mesmo, tal e qual, meus senhores. Nada posso acrescentar.

M A M B E T

Continuado da pág. 10

e se esmaga, e continua, e não vence, e não desiste, tal como os pensamentos expressos no monólogo torturam o espírito do Príncipe dinamarquês. Várias modificações, como a da morte de Ofélia, morte que nós vemos, com Ofélia boiando, segundo a descrição da Rainha — várias modificações resultaram em grande beleza cinematográfica. Só não compreendemos bem porque, no final, em vez de entrar Fortinbras, fica Horácio a pronunciar o elogio fúnebre que aquele dizia. De resto, o filme afirma-se maravilhoso. A planificação é ao mesmo tempo arrojada e serena,

vivos e rosas apodrecendo, morre constantemente e é violino a cantar.

Compreendes? Tudo que sou para ti impede-me de ser mais para ti. O que te dou e insufla do meu ser... Amor!

Dante Albuquerque

e tão criadora e tão perfeita que nos lembra telas. A sequência decorre como fio de água, sem quebra nem desvio; nela, o doseamento na duração das cenas distribuiu-se com inteligência e intuição artística (só as da loucura de Ofélia nos pareceram demasiado longas). A interpretação atinge um nível superior: nenhuma falha; todos no mesmo estilo e sem erros; mas Lawrence Olivier ergue-se mais do que os mais; Lawrence Olivier, sóbrio, estético, plástico, emocional, intelectual, técnico e artista, Lawrence deu-nos uma interpretação de olímpica beleza, qualquer coisa de equilíbrio e pujança, de sentimento e calma, tal como só um germânico ou um helénico poderiam fazer. Todo o filme, desde a realização, passando pela planificação e chegando à interpretação, se exprime num classicismo depurado que aproveitou

Continua na pág. 6

OS NOVOS CAMINHOS DA CULTURA

II

A Missão dos Intelectuais

Por ANTÓNIO RAMOS DE ALMEIDA

Foi Julien Benda, uma das personalidades mais discutidas e mais representativas da cultura francesa contemporânea, quem proclamou, num livro já hoje célebre a traição dos «clercs».

Na altura em que o livro foi publicado, Benda constatava mais do que explicava a «traição» do «clerc» francês,—ou de alguns clercs franceses—que se misturara demasiado com toda a escumalha da França dirigente e dominante, que se debatia na corrupção cada vez mais dissolvente da chamada «politique d'abord».

A França dissolvia-se, o suborno das classes dominadoras, das tais duzentas famílias que dirigiam os conselhos de Administração das grandes empresas e dos bancos, chegava e bastava para corromper pelos processos mais variados e dispares todos aqueles que pretendiam intervir na vida pública da grande nação, fosse em que sector fosse. Daí a suprema oportunidade e célebre celebritade do livro de Julien Benda. O grande escritor aproveitou tudo o que de mais vivo, de mais indeclinável e de mais lúcido existia ainda no pensamento de Descartes—o mais francês dos pensadores franceses—para com precisão, clareza e propriedade, mais formais do que fundamentais, é bem de ver, declarar ao mundo a traição dos intelectuais, cúmplices conscientes, mistificadores ou mistificados—para o seu cartesianismo tanto fazia—das forças capitalistas e reaccionárias que tudo

corrompiam e tudo subornavam para os colocar aos serviços dos seus interesses, quicá dos seus ideais.

Apesar da clareza e da penetração contundente do célebre livro de Julien Benda, retirando, é claro, os equívocos já então ultrapassados do seu racionalismo puro, a sua posição perante a missão dos «clercs» foi incompreendida e deturpada, chegando-se a afirmar que Benda preconizava o isolamento do intelectual, ou melhor, do clerc responsável. E' o que se chama tomar a nuvem por Juno...

Ora, nada mais errado e mistificador. Benda apenas condenou a intervenção e a cumplicidade dos «clercs» com as forças e os agentes dissolventes; por argumento «à contrário», válido dentro dos limites do seu racionalismo cartesiano, implicitamente afirmou e defendeu a interferência activa dos «clercs» na vida séria, profunda e verdadeira que era preciso construir para substituir a devassidão onde a França, a grande França, tinha resvalado, tal como se a sua própria cabeça rolasse decapitada no mais torpe dos cadafalsos pelo mais cruel dos carrascos, depois

de julgada e condenada pelo mais ignóbil dos Juizes.

«O crime da Traição» vinha das próprias entranhas da França, era o cancro que lhe roía as vísceras, e Benda, «malgré» o seu idealismo racionalista, estivera sempre a denunciá-lo e a descobrir os seus possíveis e necessários autores, cúmplices e encobridores. O seu célebre livro foi apenas mais um argumento do seu vigoroso libelo, mais um artigo da sua lúcida e consciente acusação.

O desenrolar dos acontecimentos veio confirmar tudo quanto êle predissera com a força da sua «Razão»,—a Deusa onipotente e omnisciente que a França criara com a queda da Bastilha e a Declaração dos Direitos do Homem,—precisamente no momento sublime da Resistência quando os verdadeiros «clercs» do seu país, os Curie, os Langevin, os March Bloch, os Aragon, os Eluard tiveram de lutar com armas na mão contra o inimigo estranho e, sobretudo, contra a traição miserável dos colaboracionistas, isto é, dos corrompidos, dos subornados, dos venais. Ele, Benda, também esteve presente e também se bateu,

assim como o próprio Marinista, firmando com a sua própria participação na luta, a «tesa» cartesiana do seu livro mais célebre, e mais discutido, e também, se quiserem, mais deturpado pelos interesses e pelo ideário daqueles para quem o isolamento é uma atitude cómoda de egoísmo, de comodismo, portanto, de traição, tanto mais repelente, quanto é praticada friamente na morna estufa de um laboratório ou ao fogão acolhedor de um gabinete.

A missão dos intelectuais foi sempre, até para o lúcido cartesianismo de Julien Benda, estar junto do povo, combater com o povo e pelo povo, porque ele, e só ele, representa e é, na essência e até na forma, a única e verdadeira pátria. Viva, real, concreta, material, a Pátria existia nos interesses, na vida, na existência de todos os franceses: Era. As suas fronteiras eram as paredes do lar de cada um. Não era uma teoria, mas uma realidade palpável, física, autêntica, como aquela visão palpável, física e autêntica da liberdade, que tem o prisioneiro quando a contempla das grades da sua prisão. O Mundo dos Mitos desmoronou-se perante a brutalidade dos acontecimentos e as suas vestais mais representativas traíram-no, melhor tinham sido eles próprios os fomentadores sinistros dessa traição. O livro de Benda, ganhou então nova actualidade foi

Continua na pág. 9



HAMLET

Fita inglesa de LAWRENCE OLIVIER

Vista por Luís José de Moura

Em qualquer filme, devemos considerar os vários elementos da fita, para os julgar em separado. Ele pode ter coisas boas e coisas más. A predominância de boas coisas ou a bondade das coisas mais valiosas faz com que o filme se nomeie bom. «Hamlet» está neste caso.

O «Hamlet» que nos aparece agora em filme não é bem uma obra de Shakespeare filmada:—E' uma obra de Shakespeare e de Lawrence Olivier. Porque Lawrence Olivier é um artista. E, se nem tôda a personalidade é artística, tôda a arte, sendo embora universalista, é profundamente pessoal. Lawrence Olivier sentiu o «Hamlet» de Shakespeare como um artista cinematográfico e não como um simples leitor. Portanto, não se limitou ao passivo papel de sofrer a acção do drama shakespeariano, mas o «Hamlet» foi, para ele, um objecto que, impressionando a sua alma de artista, se resolveu numa obra criada ao hafo da sua personalidade e das suas possibilidades (tendências naturais e aprendizagem: a maneira cinematográfica). Lawrence Olivier é, essencialmente, esmagadoramente um esteta; é, quase deformadoramente, um plástico, um artista da forma. O «Hamlet» de Shakespeare mantém-se no filme por duas razões:

primeiro, porque Olivier, inglês e não americano, não quíz assassinar a verdade do drama; segundo porque a personalidade de Shakespeare é bastante genial, para não ficar afogada perante outra. Mas se Shakespeare ainda está no filme, o certo é que se diluíram ou abrandaram alguns dos seus caracteres. O dramatismo empalidece por via do esteticismo. Lawrence Olivier fez, de quase todas as cenas, tanto resultado formalmente belo, tão imagisticamente belo, que elas surgem-nos quadros de valiosíssimos composição e efeitos de luz. Em certas ocasiões, Lawrence Olivier, no seu papel de actor e de realizador, parece ficar em posição de bailados. Noutras vezes, ainda obediente ao seu imperativo esteticista, Olivier altera pormenores do «Hamlet» shakspeariano, mas com o fim de conseguir mais beleza para os olhos e tirar efeitos estéticos do pensamento de Shakspeare. Por exemplo, o célebre monólogo «To be or not to be», em lugar de ser pronunciado pelo Príncipe ao entrar na sala onde, fingido louco, se encontrará com Ofélia, é dito numa torre do castelo, junto às ameias sobranceiras a rochedo, onde o mar bate, e recua, e se empenha,

Continua na pág. 9

ARTES PLÁSTICAS

SOBRE UM ASSUNTO VAGO

Por ARTUR DA FONSECA

Sim, talvez... algumas notas sobre pintura para quem tenha nesse terreno vasta experiência, sejam possíveis. Porém, nunca a crítica, essa terrível dissecadora da obra d'arte, poderá acrescentar, para além do puramente biográfico, nada de essencial ao conhecimento do fenómeno pictural. A obra d'arte é duma solidão infundável, diz Rilke; só o amor nela pode penetrar e através dessa claridade perturbadora adivinhar as belezas do mundo.

Cada pintor é uma nova história simbólica de como Deus fez as coisas e nelas, como quem deixa o toque do pincel sobre a tela, deixou as suas indeléveis pegadas. Bela; paragens essas, belo clima espiritual à procura dos «divinos vestígios».

Só o Amor—dizia, o Amor que é afinal a mesma coisa que a compreensão (e como ninguém ensinou a amar, ninguém poderá ensinar a compreender)—, esta uma das poucas palavras certas que me aparecem no decorrer caótico deste discurso.

Verdadeiramente sobre a compreensão publica da arte moderna, que é o mesmo que a arte dos nossos dias, apenas se poderá apelar para uma grande verdade—a amar pode-se aprender, nunca ensinar. E' por isso que desisti, dada a minha vontade

pré-suposta de entreter quem ler através do país da arte moderna, país bem misterioso e obscuro, de levar alguém, c. e. d., a admitir, a apaixonar-se pela arte que hoje embeleza este pobre planeta tam ávido, tam inseguro, tam veloz nas suas preocupações.

Realmente, a nossa época é bem desconcertante—será prelúdio duma irremediável perda, ou a convulsão preliminar duma idade de ouro? Não sei; como hoje me sinto particularmente inclinado para esta segunda hipótese, vou agora falar duma exposição infantil na qual ontem quase descri. 41 desenhos de crianças dos 4 aos 14 anos foram espalhados ao longo duma bordadura de cartolina «branca» feita «lambri» da sala de exposições da Livraria Portugália.

Agrupados, catalogados, prefaciados por artistas crescidos do meu tempo de Escola das Belas Artes—que com um heróico esforço se dedicam, não regateando sacrifícios à tam louvável tarefa de educar um pouco, ou melhor, levar o público portuense a amar um pouco a arte nas suas variadas modalidades.

O Pintor Fernando Lanhas foi de sempre organizador desinteressado destas manifestações

Continua na pág. 9